

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Entre a ilusão e o efeito de real: sobre a experiência de se escrever uma biografia histórica.

José Otávio Aguiar¹

Resumo: Entre os anos próximos passados de 2000 e 2003 empenhei-me na construção de um relato biográfico. Estudei a trajetória de vida de um militar francês napoleônico no Brasil (1808-1836), procurando fazer da recuperação dos fragmentos e vestígios sobre a vida de um homem a construção de uma janela de observação para a historicidade e o cotidiano de seu tempo.

Palavras-chave: Biografia, História, Teoria

Abstract: Between the years of 2000 and 2003 I spent an effort for built a biographic relate. I study the trajectory of a French Napoleonic soldier in Brazil (1808-1836); looking for make a recuperation of the pieces and evidences about the life-history of a man ho was a window of observation to the day a day life in his time.

Key words: Biography, History, Teory

Este pequeno ensaio dedica-se ao estudo e à partilha de experiências sobre a elaboração de um trabalho biográfico em história. Nascida de minhas próprias vivências, essa preocupação de retomar trajetórias de vida não pretende tocar parâmetros que ultrapassem os ditames da verossimilhança. A verdade, enquanto algo mais que um discurso que vise à construção de um efeito de real, não faz parte, já a algum tempo, das preocupações dos historiadores.

Como escrever uma biografia nos dias de hoje? A pergunta foi formulada por Jaques Le Goff, em um afamado artigo publicado na Revista francesa Le Debat em abril de 1989. Procurando responder a ela, lancei-me ao trabalho de elaborar um trabalho que recuperasse fragmentos do cotidiano da trajetória de vida de um emigrado francês no Brasil entre os anos de 1808 e 1836. Este ensaio reflete uma necessidade de diálogo teórico simultânea à publicação de meu livro, fruto desse trabalho.

Trata-se do resultado de minha pesquisa de doutoramento, defendida no Departamento de história da UFMG em agosto de 2003.

¹ José Otávio Aguiar é Doutor em história e CDulturas Políticas pelas UFMG, professor adjunto da Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande/PB.

Indispensável a um trabalho como ao que me propus foi uma leitura atenta dos textos produzidos por autores engajados na discussão a respeito do gênero biográfico nos meios acadêmicos de história. As polêmicas a esse respeito despertaram-me especial interesse, sem que – reconhecendo-me sem dúvida tributário de suas influências – me sentisse entusiasmado a ponto de que qualquer biografia específica me servisse de modelo.

A historiografia do século XX é rica em exemplos de biografias consagradas tanto na Inglaterra quanto na França. Lucien Febvre, em seu estudo sobre as obras do escritor renascentista Rabelais, se interroga sobre a possibilidade ou impossibilidade do ateísmo no século XVI. Carlo Guinzburg, pesquisando a vida e as idéias do Moleiro Menóquio, desenvolveu uma interpretação sobre a circularidade entre a cultura camponesa e a cultura da elite da Europa pré-industrial. Christopher Hill, dedicando-se à análise dos documentos sobre a vida de Oliver Cromwell, em *“O Eleito de Deus”*, traçou um perfil da sociedade inglesa seiscentista com suas disputas no âmbito das concepções religiosas, das idéias políticas e das batalhas econômicas. Georges Duby, no livro *“Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo,”* se propôs a, através da trajetória de vida de seu biografado, se perguntar sobre o cotidiano e as estruturas de uma sociedade feudal. Finalmente Jacques Le Goff, na magistral biografia de São Luiz, procura demonstrar como seria possível conciliar a narrativa de vida com a proposta de uma história-problema, sem, em momento algum, romper com o espírito investigativo inaugurado por Marc Bloch e Lucien Febvre.

Seria oportuno recordar que Le Goff também nos lembra de que os sujeitos históricos biografados não são meros instrumentos de comprovação de determinada teoria, que ofereceriam afortunados subsídios de confirmação para algum encaminhamento lógico-linear, ou a solução de algum problema de pesquisa. Isso porque, como relato e narração da vida de um indivíduo, a biografia não apenas se movimenta entre os eventos individuais e coletivos, mas também nos leva a perceber que, embora partamos em nossa observação de um lugar do tempo em que os fatos já se consumaram de determinado modo e em determinada direção, esses mesmos episódios do passado estiveram, por ocasião de sua temporalidade específica, submetidos à imprevisibilidade e à indeterminação. Como observou Sabina Loriga, os homens não são fantoches, mas sujeitos da História. (LORIGA, 2000, p. 145)

Procurando seguir a direção que a especificidade das fontes e das questões por elas suscitadas levavam-me a escolher, fui confrontado com a imprevisibilidade do trabalho do pesquisador, sempre em confronto com impasses teóricos e empíricos, num caminho que, para além de qualquer projeto inicial, sempre se faz ao longo da caminhada. O trabalho do

historiador afigura-se como uma operação seletiva, que geralmente inicia-se por um mínimo de questionamentos e hipóteses prévias – nascidas do contato progressivo com os vestígios do passado – que não devem, entretanto, impedir ou fechar o pesquisador à surpresa, à descoberta, àquilo que foge às intuições do princípio.

Busquei chamar a atenção dos leitores para questões mais abrangentes e afastar-me do estilo de biografia que conta a história individual, plenamente linear e coerente de um “grande homem”, adotado pelos antigos biógrafos de Marlière, meus predecessores. Os indivíduos, personagens de biografias, não são unidades coerentes, apresentando ao contrário uma série de imprevistos, acasos e incoerências em suas trajetórias de vida. A trajetória que pretendi recuperar transcorreu em vários espaços formadores do cotidiano do biografado, de sua sociedade e de seu tempo: a Corte, a família, a Capital da Província, a loja maçônica, o quartel, o sertão, a aldeia indígena, o arraial, a igreja e a religião, etc. Esses espaços não nos chegam transpostos tais quais eram em sua integralidade. Deles apenas conhecemos o que os documentos escritos e os elementos de cultura material nos dizem. Polifônicos, os textos das fontes significam coisas diferentes para leitores movidos por formações, indagações e objetivos diferentes. Os documentos são modalidades de discurso, versões do passado, que partem de um “local” específico de produção. Lembra-nos Michel de Certeau que a pesquisa e o discurso historiográfico que dela resulta também partem de um “lugar” de produção “sócio-econômico, político e cultural” do historiador.(DE CERTEAU, 1976. p. 18) Por essa razão, definir claramente o objetivo e o local de onde parte nossa interpretação é condição indispensável para um trabalho honesto, coerente, livre de vãs pretensões de neutralidade e que se abre às indagações do leitor, oferecendo-se ao debate.

Outra questão natural para o estudioso atento seria a de que até que ponto meu biografado representaria sua época, ou apontaria para a visualização de elementos capazes de informar sobre os homens de seu tempo, de seu estrato social, de seu ambiente intelectual. Afinal, os homens, por mais singulares nos pareçam, sempre compartilham, em menor ou maior grau, os códigos culturais que viabilizam sua convivência e comunicação social.

Procurro demonstrar que, partindo de sua inserção em um imaginário social marcado pela influência da ilustração francesa, Marlière criou, em sua experiência cotidiana, formas novas e diferenciadas de pensamento e intervenção sobre a realidade das culturas.²

² Ao utilizar aqui a expressão “experiência cotidiana”, reporto-me aos espaços de manifestação das relações, práticas e constituição de saber na experiência diária dos homens. Nisso me inspiro em Michel Foucault, para quem o estudo do poder deveria partir de sua forma de manifestação concreta, no nível das práticas cotidianas. Segundo Astor Antônio Diehl, as contribuições da teoria de Foucault para a historiografia permitiram um deslocamento temático em direção a um olhar mais antropológico, logo responsável pelo surgimento de vários trabalhos que elegiam como tema a história do cotidiano ou a história das mentalidades. Isso dever-se-ia à

Mais do que os teóricos de seu tempo, ele pôde submeter suas concepções a uma aplicação efetiva junto aos índios, colonos e degredados que pretendia “civilizar”. Esse espaço cotidiano de criações e enfrentamentos que atravessa as imbricadas dimensões do público e do privado na vida do biografado será o cenário desta história. Concorro com Mary Del Priore, quando afirma que:

Não se trata, apenas, de fazer a história do cotidiano ou da vida privada resgatando a sua evolução ou condição. Trata-se de deslocar o campo de possíveis, definindo uma historicidade específica. Não se trata de discutir o espaço do público em oposição ao privado, mas de tentar perceber qual a natureza do espaço que diferentes grupos sociais ocupam. Trata-se, ainda, de interpretar os usos e representações que fazem os diversos grupos sociais deste espaço (DEL PRIORE, 1997 p. 172).

Como observou Benito Bisso Schmidt, as oposições entre indivíduo e sociedade, narração e explicação, público e privado e unidade e fragmentação dos agentes históricos são ilusórias e aparentes, “[...] já que a análise histórica exige um deslocamento entre esses dois pólos, e não um isolamento entre os pontos mencionados [...]” (SCHMIDT, p. 186)

Uma biografia que se pretenda histórica deve ultrapassar o âmbito de uma vida particular e chamar a atenção para questões de caráter mais amplo. Como qualquer produção historiográfica, ela deve partir de questões-problema e de hipóteses fundamentadas em evidências empíricas. Estas últimas diferenciam a biografia histórica daquela escrita com um propósito fundamentalmente literário. Por isso, é bom que, os historiadores, estejamos atentos aos vestígios que o passado nos legou. Essa observação não implica em que devamos abandonar a inventividade; ela apenas nos recorda métodos inerentes ao ofício.

Por outro lado, não devemos pensar as fontes de forma desvinculada da influência das perguntas e dos olhares que os historiadores dirigem a elas, mesmo quando o relato histórico, por seus convincentes efeitos de real, tenta nos conduzir a acreditar que elas falam por si mesmas, com o intento de comprovar, de forma inquestionável, a veracidade de sua versão. Isto porque os relatos permitem diversas interpretações, e aqueles que historiam escolhem uma delas a partir de métodos rigorosos que, não obstante, visem evitar as leituras ingênuas e as crenças excessivas no conteúdo das fontes, não logram afastar por completo a subjetividade do interpretador.

Assim, uma vez decidido a escrever uma biografia de Guido Thomaz Marlière, que abordasse questões mais amplas, procurei revisitar alguns documentos há muito abandonados pelos historiadores e definir o meu olhar sobre eles. Busquei, também, fontes de

proposta desses dois últimos gêneros historiográficos, que incluía desde o princípio a busca do contingente de subjetivização da história, das experiências individuais do passado, negligenciadas pelas grandes sínteses realizadas pelas antigas histórias política, econômica e social.

diálogo teórico que, de certa forma, me ajudassem a responder às interrogações suscitadas a partir do contato com a empiria.

A hermenêutica dos historiadores tradicionalmente se diferenciou da dos antropólogos no que toca ao trabalho arquivístico. Etnógrafos renomados reiteraram a necessidade de que a pesquisa de campo fosse precedida de uma sólida preparação teórica. De outro lado, um certo medo de reduzir a infinitamente variada experiência social e histórica dos homens a conceitos ainda assombra aqueles que historicam. Certos excessos historicistas chegam mesmo a predicar a negação de todas as tentativas de se encontrarem regularidades de caráter mais amplo no estudo dos homens no tempo, ancorados na idéia – freqüentemente evocada como uma frase de efeito eficiente na batalha dos debates – de que a singularidade histórica das fontes deveria pautar todas as análises.

Enfatizemos o valor da erudição arquivística, observando, porém, que, se as oposições entre sincronia e diacronia já têm sido, em grande medida, relativizadas por antropólogos e historiadores contemporâneos, cumpre afirmar a possibilidade de uma associação entre os instrumentos de compreensão etnográfica e a consideração das singularidades empíricas características das diversas historicidades. Desafiados pelas questões que a leitura documental nos apresenta, subdividamos os conceitos – para que com eles possamos manter um diálogo, que, não raro, pode nos conduzir inclusive a subvertê-los – sem, entretanto, abandoná-los.

Nesse ponto, um diálogo com os escritos de Marshal Sahlins para quem as ações simbólicas humanas são informadas tanto pelos conceitos por meio dos quais a experiência é organizada e comunicada – procedentes de um esquema cultural preexistente – quanto pela singularidade proporcionada por cada nova experiência do mundo social e histórico dos homens pode se mostrar profícuo. (SAHLINS, 1989. p. 188-189.) Os atores históricos, as situações vivenciadas no tempo e no espaço e também os seus conceitos não são redutíveis a outros atores e outras situações. Suas existências, inéditas, não são e não serão iguais a quaisquer outras. Como na analogia da diferença heraclitiana, não se entra num mesmo rio duas vezes, embora o nome pelo qual o conhecemos não mude. Os sistemas conceituais tradicionais de interpretação, como observou Sahlins, são culturalmente recriados quando realizados como projetos pessoais: “As pessoas, enquanto responsáveis por suas próprias ações, realmente se tornam autoras de seus próprios conceitos; isto é, tomam a responsabilidade pelo que suas próprias culturas possam ter feito com elas.” (SAHLINS, 1989. p. 189)

Referências Bibliográficas

DE CERTEAU, Michel. A Operação Histórica. In.: LE GOFF, Jaques (Comp.). *História novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 18.

DIEHL, Astor Antônio. O exemplo Michel Foucault. In: _____. *A cultura historiográfica nos anos 80: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira*. Porto Alegre, Evangraf, 1993.

LE GOFF, Jaques. Comment écrire une biographie aujourd'hui? *Le Débat*, n 54, p.49-50, mar./abr. 1989.

LORIGA, Sabina. Manequins ou faiseurs d'histoire? *Critique: revue générale des publications françaises et étrangères*, v., n. p.133-145, jan../fev. 2000.

DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: VAINFAS, R.; CARDOSO, CF.. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 272

SAHLINS, Marshal. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.